Carnets

Revue électronique d'études françaises de l'APEF

Deuxième série - 16 | 2019

Le Récit inachevé: études sur Mai 68

Maio de 68 e exílio

Imagens do estrangeiro e imaginário nacional

Álvaro Manuel Machado

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/carnets/9829>

DOI: 10.4000/carnets.9829

ISSN: 1646-7698

Editora

APEF

Refêrencia eletrónica

Álvaro Manuel Machado, « Maio de 68 e exílio », *Carnets* [Online], Deuxième série - 16 | 2019, posto online no dia 31 maio 2019, consultado o 08 novembro 2019. URL : <http://journals.openedition.org/carnets/9829> ; DOI : 10.4000/carnets.9829

Este documento foi criado de forma automática no dia 8 novembro 2019.

Carnets est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons - Attribution – Pas d'utilisation commerciale 4.0 International.

Maio de 68 e exílio

Imagens do estrangeiro e imaginário nacional

Álvaro Manuel Machado

- ¹ Embora, como é óbvio, não esteja aqui para falar de mim, o meu testemunho pessoal virá a propósito, suponho, como preâmbulo, inevitavelmente, ao evocar, cinquenta anos depois, os chamados « acontecimentos de Maio de 68 » em França, e mais particularmente em Paris, onde os vivi dia a dia, como algo de inesquecível, marcando para sempre na minha memória os longos dez anos de exílio parisiense. Esse testemunho pessoal relaciona-se com o facto, nesses dias de grande alvoroço e em especial no Quartier Latin, por mim frequentado diariamente, ter tomado notas sobre o que se ia passando, breves apontamentos que acumulei num pequeno caderno de capa azul, perdido no meio da voragem do tempo e das viagens de regresso à pátria, depois do 25 de Abril, primeiro regressos provisórios e depois o regresso definitivo. Desses numerosos apontamentos quase diários ficaram apenas alguns, raros, que aproveitei e transpus na altura para incluir naquele que foi o primeiro dos meus seis romances publicados até agora, intitulado *Exílio*, publicado pela extinta editora Moraes, em 1978. Comecei a escrevê-lo em Paris, precisamente em Maio de 1968, interrompi-o várias vezes e só o acabei em Lisboa, em Dezembro de 1977, depois do regresso definitivo a Portugal, com grandes alterações e sucessivos cortes. Cito uma passagem breve, em que explicitamente se fala de Maio de 68 vivido no Quartier Latin pelo personagem central do romance, Frederico, um jovem exilado português, *alter ego* evidente do autor e que se desdobra em autor-narrador, com comentários críticos à margem :

Frederico, voyeur no sexo e na política, lê na parede do metro :

Un rien de révolte- une joie totale.

E ainda, na Sorbonne :

Plus je fais l'amour, plus j'ai envie de faire la Révolution. Plus je fais la Révolution, plus j'ai envie de faire l'amour.

E ainda, algures, na rua :

Soyez réalistes : demandez l'impossible.

L'imagination au pouvoir.

- ² N. B. – Para Frederico, a revolta, como a religião, tem um sentido dionisíaco, nietzschiano. Isto na medida em que a sua luta, sem dúvida extremamente

individualista, desconexa e por vezes gratuita, conflui sempre, no entanto, para o mesmo ponto, quer quanto à religião quer quanto à política: revolta contra as ideologias. A este propósito, deve atentar-se na frase de Heraclito, sublinhada nos cadernos de apontamentos de Frederico : *Imaginar é já pensar* (Machado, 1978 : 76).

- 3 Numa outra passagem do romance, em que o autor-narrador escreve mais notas críticas à margem sobre o personagem central, diz-se que Frederico, como « personagem-tipo, esquematicamente definido » é um « intelectual pequeno-burguês, revolucionário falhado (ou nem isso) e místico *malgré-lui* » (*Ibid.* : 75). O que, convenhamos, tem muito pouco a ver com os jovens revolucionários de Maio de 68... Pelo menos aparentemente...
- 4 Mas deixemos o personagem do meu primeiro romance e o testemunho pessoal, inevitavelmente confessional e datado. Passemos a uma análise sistemática e distanciada, partindo de uma teorização de carácter comparatista, teorização a que me consagro desde esses tempos remotos do exílio parisiense, portanto, há cerca de meio século. E dentro do domínio geral da Literatura Comparada, escolhi o domínio específico da imagologia. Neste sentido, virá a propósito referir, como introdução teórica, um livro fascinante de Jean-Jacques Wunenburger intitulado *La Raison contradictoire – Sciences et philosophies modernes : la pensée complexe*, datado de 1990 e publicado em Portugal pelo prestigiado Instituto Piaget com o apoio do Ministério da Cultura francês (Wunenburger, 1995). Como se sabe, o professor Wunenburger é especialista na área das relações entre razão e imaginário. Portanto, aborda questões de imagologia. Ora, para lá mesmo do domínio geral da análise comparatista e passando, como já referi, para o domínio específico da imagologia, se há relações entre dois países que, ao longo de séculos, relevam da « razão contraditória » são, precisamente, as relações entre Portugal e França. Sobretudo as do campo literário, com incidência particular na chamada « estética da recepção », de fundamento imagológico, e dos seus reflexos a nível histórico e ideológico, o que se poderá aplicar precisamente aos chamados « acontecimentos » de Maio de 68, como veremos mais adiante.
- 5 Mas vejamos primeiramente como define Wunenburger essa « razão contraditória ». Sem entrar em longas especulações de carácter propriamente filosófico, diria que Wunenburger analisa (e, de certo modo, defende) princípios de antagonismo e lógicas da contradição e do paradoxo, evidentes para lá do pensamento racional instituído. Princípios da complexidade humana em geral e das relações sócio-culturais entre os povos em particular, assim definidos :

É certo que o real se deixa domar e reconhecer pela representação mas, quaisquer que sejam a acuidade e a penetração da sua apreensão, o pensamento esbarra sempre num excedente, num resto, que o confunde. [...] Sempre que a razão crê ter apreendido, nas malhas dos seus nomes e dos seus conceitos, as pepitas de ouro disseminadas no fluxo incessante das coisas, nada mais retém que grãos de areia que se escoam entre as suas mãos (Wunenburger, 1995 : 11).
- 6 Assim, poderíamos dizer que as várias fases e as múltiplas formas daquilo a que Eça de Queirós chamou de « francesismo » na cultura portuguesa em geral (e não apenas na literatura, note-se), têm muito de « razão contraditória. ». Ou seja : francofilia e francofobia coabitam frequentemente no mesmo escritor ou no mesmo agente cultural português (incluindo, como é óbvio, o universitário), enquanto que o lusitanista francês mistura, por vezes, cultura portuguesa com cultura espanhola, privilegiando esta. E tal situação sempre teve muito a ver com aquilo a que Eduardo Lourenço chamou de “comunicação assimétrica”.

- 7 A propósito, nunca será demais, acho eu, citar Eduardo Lourenço, mestre entre todos (e entre todos talvez o mais « afrancesado » *malgré lui...*) do pensamento português nosso contemporâneo. Nunca será demais, sobretudo, quanto à sempre problemática relação de Portugal com a Europa em geral e com a França em particular, ao longo de séculos.
- 8 Eduardo Lourenço, num dos luminosos ensaios de *Nós e a Europa ou as duas razões* intitulado « Portugal-França ou a comunicação assimétrica », começa por reconhecer o « carácter *transnacional* que desde a origem foi o da Universidade de Paris, o primeiro *forum* da ‘ intelligentsia ’ europeia. [...] As hegemonias futuras – do século XVII ao XX – são avatares dessa única forma cultural *aberta*, aquela que sempre converteu a cultura francesa em cultura de mediação por excelência. » (Lourenço, 1988 : 130).
- 9 Todavia, se é verdade que essa função de mediadora por excelência, no contexto histórico-cultural europeu, coube desde sempre à França (e, entre nós, tantos intelectuais o afirmaram persistentemente, sobretudo, no século XIX, Teófilo Braga e o « iberista » Oliveira Martins), também é verdade que as culturas, como afirma Eduardo Lourenço, « não são realidades angélicas que se comunicam deixando incólumes os sujeitos delas », são antes « anjos guerreiros que combatem sem dúvida com meios de luz mas, sabendo-o ou não, veiculando a vontade de poderio. » (Lourenço, 1988 : 128).
- 10 Ora, é justamente essa « vontade de poderio » que (contraditoriamente, note-se, porque a acompanha um fatal fascínio...) é contestada, em termos quase neuróticos de amor-ódio, por aqueles que, ao longo de séculos e muito especialmente no século XIX, foram, digamos, « contaminados » pelo « francesismo ».
- 11 Mas, de facto, o que foi, como surgiu e se expandiu essa « razão contraditória » chamada « francesismo » ? Qual o seu rasto (se é que existe) nos nossos dias e, especificamente, qual a sua relação com Maio de 68 a partir da imagem de Portugal para os intelectuais franceses da altura ? Lembrarei, se me permitem, alguns tópicos do que escrevi num ensaio publicado há trinta e quatro anos, intitulado *O « francesismo » na literatura portuguesa* (Machado, 1984).
- 12 O primeiro aspecto fundamental, que tem a ver com a caracterização específica da história da cultura em Portugal, é a distinção que deverá sempre ser feita entre « francesismo » e influência francesa. Esta, evidentemente, atravessa toda a nossa literatura e, em geral, toda a nossa cultura, embora seja predominante em períodos específicos. Pelo contrário, o « francesismo », com tudo o que tem quer de positivo quer de negativo, é uma *imagem* da França, no sentido comparatista do termo. Uma imagem que começa a formar-se com maior nitidez no período simultaneamente neoclássico e pré-romântico, ou seja, em meados do século XVIII, a nível sobretudo da história das ideias do Iluminismo (ideias políticas, sociais, religiosas), Imagem que se desenvolve muito particularmente no confuso período do hesitante início do nosso romantismo, em princípios do século XIX, atingindo o seu ponto culminante de fixação mítica (e de « razão contraditória ») com a chamada Geração de 70.
- 13 Dir-se-ia, por consequência, que o « francesismo » surgiu com nitidez e se desenvolveu durante os vários períodos do romantismo em Portugal, ao longo de três gerações, tomando paradoxalmente a forma de procura da identidade nacional. Ou antes : tornou-se uma « fatalidade » cultural para, já desde a Restauração de 1640 mas sobretudo desde a formação do nacionalismo romântico liberal fundamentado no Iluminismo francês, nos afirmarmos diferentes dos espanhóis.

- 14 Assim, a imagem da França, com tudo o que ela implicou de lenta fixação mítica de uma influência cultural, permitiu-nos a libertação da imagem ibérica com que a Europa, incluindo a própria França, sempre nos rotulou, assimilando-nos à Espanha, confundindo-nos linguisticamente e geograficamente com ela. Note-se que este iberismo sempre nos criou e, aliás, ainda hoje, em plena União Europeia, nos cria um complexo de provincianismo, fazendo-nos sentir uma província, ou melhor, um apêndice de Espanha. É a velha questão, como diz Eduardo Lourenço, do « complexo – e acomplexado – tema da nossa *identidade*, ao mesmo tempo insofismável como dado da natureza e da história e precária em termos de existência como cultura » (Lourenço, 1988 : 133).
- 15 Para lá dessa recusa do iberismo, temos de considerar o facto de que essa imagem da França cristalizada no « francesismo » se formou e desenvolveu porque, sobretudo com o século XIX, a França se tornou, em geral, centro cosmopolita por excelência, núcleo da cultura e da civilização europeias e, portanto, o contrário do provincianismo. Poderá dizer-se que, embora breves, os acontecimentos revolucionários de Maio de 68, sobretudo para os jovens exilados portugueses da altura, confirmaram plenamente esta imagem da França.
- 16 Todavia, adorar a França porque se é (ou pretende ser) anti-provinciano implica um monstruoso paradoxo pois, como reconhece o próprio Eça, Portugal torna-se um país « traduzido do francês em calão », ou seja, um país que imita *provincianamente* a França e é por ela, frequentemente, desprezado ou ignorado, o que talvez seja ainda pior. Daí que, mais tarde, o anglomaniaco Fernando Pessoa, num texto datado de 1928 e intitulado « O provincianismo português » (Pessoa, 1980 : 157-161) se insurja contra a imagem mítica da França, mais exactamente, contra o mito de Paris, que devoraria Mário de Sá-Carneiro, acusando de provincianismo todos os que admiram « os grandes meios » e dizendo, de maneira ignobilmente injusta, que « o exemplo mais flagrante do provincianismo português é Eça de Queirós [...], um jornalista, embora brilhante, de província. »
- 17 Em suma : o « francesismo » português tornou-se reflexo das mais fundas contradições da nossa cultura. Diria até que, mais do que qualquer outro fenómeno da história cultural portuguesa, ele desencadeou essa tal « razão contraditória » no interior do próprio discurso daqueles que, apesar de « afrancesados », o vêem à lupa, com lúcido olhar crítico. Basta, para isso, atentar no conhecido texto de Eça, « O francesismo », datado provavelmente de 1890, que satiriza, como se sabe, o “fatalismo” da educação afrancesada em Portugal desde, pelo menos, inícios do século XIX, caricaturando o espírito de moda parisiense, inclusive a nível literário.
- 18 No entanto, por outro lado, lembremos que é o próprio Eça, no longo texto de introdução à *Correspondência de Fradique Mendes*, datado mais ou menos da mesma altura (1888), que, contraditoriamente, exalta assim Paris e a cultura francesa, opondo-as a Chicago e à cultura norte-americana :
- Porque forma, pois, Paris um foco crepitante de civilização que irresistivelmente fascina a humanidade – e porque tem Chicago apenas sobre a Terra o valor de um rude e formidável celeiro onde se procura a farinha e o grão ? Porque Paris, além dos palácios, das instituições e das riquezas de que Chicago também justamente se gloria, possui a mais um grupo especial de homens – Renan, Pasteur, Taine, Berthelot, Copée, Bonnat, Falguière, Gounod, Massenet – que pela incessante produção do seu cérebro convertem a banal cidade que habitam num centro de soberano ensino. Se as “Origens do Cristianismo”, o “Fausto”, as telas de Bonnat, os

mármore de Falguière nos viessem de além dos mares, da nova e monumental Chicago – para Chicago, e não para Paris, se voltariam, como as plantas para o Sol, os espíritos e os corações da terra. [...] uma nação, portanto, só tem superioridade porque tem pensamento [...] (Queirós, s/d : 113-114).

- 19 Esta última frase de Eça não será o rasto mais relevante do « francesismo » ainda nos nossos dias, prolongando, pelo menos para alguns intelectuais portugueses, como é o caso dos exilados na altura de Maio de 68, o mito da cultura francesa em geral, incluindo a História, como paradigma da cultura europeia ? E qual será a imagem que os intelectuais franceses da época, Maio de 68, têm de Portugal ?

- 20 Para tentar responder a estas questões, vem certamente muito a propósito referir um exemplo, actualíssimo, quer de imagem da França por parte dos intelectuais portugueses exilados da época, quer de imagem de Portugal por parte dos intelectuais franceses durante Maio de 68, no livro do historiador e escritor João Medina *Memórias de um Estrangeirado. Seguidas de Dany le Rouge ou o meu Maio 68 e o meu 25 de Abril*, que acaba de ser publicado (Medina, 2018) e que tive o prazer de apresentar há menos de uma semana. Nele, o autor evoca pormenorizadamente a sua experiência pessoal de Maio de 68 quando estava exilado em França, mais propriamente em Estrasburgo, na Alsácia, onde preparava a sua tese de doutoramento. Depois de tecer várias considerações sobre essa « *révolution introuvable* – como lhe chamou Raymond Aron » (*Ibid.* : 153 ; 178-179), relacionando-a sobretudo com a revolta estudantil e a crise de ideias políticas na Europa, em geral, João Medina faz notar a indiferença e a ignorância dos jovens intelectuais franceses de Maio de 68 perante o horror infundável da guerra colonial portuguesa :

Embora a peça de Peter Weiss, *O Canto do Papão Lusitano*, estreada em 1967, em Berlim, Estocolmo e logo representada também noutras cidades europeias como Genebra, denunciando o colonialismo português, tivesse tornado conhecido aquele Vietname africano que a pequenez do nosso país reduzira a uma tragédia quase clandestina, os gauchistas alsacianos nada sabiam desse conflito em que a derradeira nação colonial europeia enfrentava movimentos independentistas [...]. Em suma, [...] a geografia não era o forte dos trotskistas franceses. [...] nunca logrei que aqueles estudantes, futuros militantes com rubro ardor em Maio de 68, incluíssem as guerras de libertação de Angola, Guiné Bissau ou Moçambique entre os movimentos a que davam a sua ilimitada generosidade de revolucionários *en herbe* (*Ibid.* : 153).

- 21 Passados tantos anos, João Medina guarda na memória essa « inesperada revolução de 68 » como uma inesquecível imagem da França, evocando com nostalgia essas « flores secas que guardei nos meus canhenhos de inesquecíveis vivências dessa época, os seus alegres motins de juventude estudiosa, as intrépidas barricadas estudantis » (*Ibid.* : 150), que tanto lhe fazem lembrar as barricadas da Revolução Francesa, imagem de uma França mítica.

- 22 Concluindo : se é verdade que, para nós, jovens exilados portugueses da minha geração, Maio de 68 foi um clarão de liberdade e de imaginação revolucionária, também é verdade que prevaleceu uma certa imagem, concentrada em Paris, de uma França alheia ao conhecimento e ao interesse por Portugal e pelo drama de uma guerra colonial e de uma ditadura infundáveis. Poderá dizer-se que aquilo que quarenta anos mais tarde Daniel Cohn-Bendit (ou « Dany le Rouge ») afirmou, com razão, ser uma revolta e não uma revolução, ficou, afinal, como mais uma imagem de uma França mítica, enraizada no imaginário português, com todas as suas contradições, ou seja, a sua « razão contraditória ».

BIBLIOGRAFIA

LOURENÇO, Eduardo (1988). « Portugal-França ou a comunicação assimétrica », in *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa : Imprensa Nacional/Casa da Moeda.

MACHADO, Álvaro Manuel (1978). *Exílio*. Lisboa : Moraes Editores. Texto revisto e corrigido.

MACHADO, Álvaro Manuel (1984). *O Francesismo na literatura portuguesa*. Lisboa : Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Ministério da Educação

MEDINA, João (2018). *Memórias de um Estrangeirado - Seguidas de Dany le Rouge ou o meu Maio de 68 e o meu 25 de Abril*. Lisboa : Edições Colibri.

PESSOA, Fernando (1980). *Textos de crítica e de intervenção*. Lisboa : Ed. Ática.

QUEIRÓS, Eça de (s/d). *A Correspondência de Fradique Mendes*. Lisboa : Livros do Brasil.

WUNENBURGER, Jean-Jacques (1995). *A razão contraditória - Ciências e filosofias modernas : o pensamento do complexo*. Lisboa : Instituto Piaget.

RESUMOS

Partindo de um testemunho pessoal sobre os acontecimentos de Maio de 68 vividos no exílio em Paris, propõe-se uma reflexão sistemática e distanciada sobre as relações entre França e Portugal à luz dos contributos da Literatura Comparada e da Imagologia. A análise conduzida revela a forte presença, no imaginário cultural e identitário português, de uma imagem mítica da França com todas as suas contradições e paradoxos.

From a personal testimony on the events of May 1968 during the exile in Paris, the paper proposes a systematic and distant reflection on the France and Portugal relationship from the perspective of Comparative Literature and Imagology. The analysis shows the strong presence in the Portuguese imaginary of a mythical image of France with all its contradictions and paradoxes.

ÍNDICE

Keywords: May 68, France-Portugal Relationship, exile ; comparative literature, imagology, cultural identity.

Palavras-chave: Maio de 68, relações França-Portugal, exílio, literatura comparada, imagiologia, identidade cultural

AUTOR

ÁLVARO MANUEL MACHADO

Universidade Nova de Lisboa
am.machado[at]sapo.pt